

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT01.035

DE MÃOS DADAS COM BELL HOOKS: EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE

CLARISSA DE ARRUDA NICOLAIEWSKY

Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, clarissanicolaiewsky@gmail.com;

LUCAS MOREIRA DE LACERE

Licenciando do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, lacere2015@gmail.com;

FLAVIA PINTO MONTEIRO DA COSTA

Licencianda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, flaviamonteiross18@gmail.com;

DARA MARCELA JESUS DE MELO

Licencianda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - RJ, daramarcela344@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho visa refletir acerca da formação de professores a partir de experiências educativas vividas na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, uma unidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro localizada em Duque de Caxias que acolhe, predominantemente, estudantes residentes de territórios periféricos atravessados por questões raciais, de gênero, de classe, de sexualidade e etárias. Serão trazidas experiências vivenciadas a partir das perspectivas tanto de licenciandos como de uma docente. A análise das cenas educativas se dará a partir da articulação com obras de bell hooks que versam sobre o ato educativo, tendo em vista que a professora universitária e pesquisadora estadunidense apresentava uma trajetória profissional pautada na autorrealização e na busca pela proposição de práticas pedagógicas coerentes com seu discurso em prol de uma educação engajada que se propunha emancipatória, dialógica, respeitosa, ética. Parte-se da aposta de que princípios educativos que devem

reger a educação básica também deveriam se fazer presentes no ensino superior, tais como a articulação com o cotidiano, a preocupação com uma educação integral, a valorização dos saberes dos educandos a partir do diálogo e de um engajamento crítico, o respeito à diversidade e a ênfase na transformação social. Para isso, tem se mostrado potente a noção de comunidade, de promoção de um espaço no qual estudantes sejam incentivados a participar e a contribuir para a construção e partilha de seus saberes.

Palavras-chave: Formação de professores, Pedagogia Engajada, Comunidade.

INTRODUÇÃO

“A cultura do dominador tentou alimentar o medo dentro de nós, tentou nos fazer escolher a segurança em vez do risco, a semelhança em vez da diversidade. Deslocar-se nesse medo, descobrir o que nos conecta, nos divertir com nossas diferenças; esse é o processo de um mundo de valores compartilhados, de uma comunidade significativa.” (HOOKS, 2021, p. 219)

O presente texto parte de um profícuo diálogo com bell hooks, uma relevante intelectual dos campos da teoria feminista e dos estudos culturais, cujas obras têm impactado profundamente as discussões sobre raça, gênero e educação. Gloria Jean Watkins nasceu no dia 25 de setembro de 1952 na pequena cidade de Hopkinsville, Kentucky, nos Estados Unidos, tendo adotado o pseudônimo bell hooks. Um fato curioso sobre a professora norte americana é que seu nome é escrito com letras minúsculas, segundo a autora, um posicionamento político de recusa dos padrões da academia, refutação de uma presença egóica intelectual. hooks queria que nos aproximássemos de sua obra com interesse nas suas vivências e ideias, em suas palavras, e não em sua pessoa. O nome acadêmico que optou por adotar, bell hooks, é uma homenagem à sua bisavó, Bell Blair Hooks, um tributo à sua ancestralidade feminina e negra, temáticas fortemente abordadas nos seus livros.

Foi professora de diferentes universidades americanas, escritora, ativista por uma educação e sociedade antirracistas. bell ainda se dedicou a lutas feministas e às artes. Publicou dezenas de livros, com destaque para: *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*, *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática* e *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*, algumas das referências centrais para a escrita deste artigo. Influenciada por uma perspectiva pós-moderna, sua base acadêmica está alinhada a Paulo Freire, patrono da educação brasileira.

No presente artigo, nossa intenção é investigar como as ideias desenvolvidas por bell hooks podem contribuir para a construção de práticas educativas potentes a partir das experiências vivenciadas por discentes e docentes da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), uma unidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Analisaremos como a prática educativa denominada por bell hooks como pedagogia engajada pode favorecer a educação no contexto da Baixada Fluminense, uma região do Rio de Janeiro rica em diversidade cultural e em desafios sociais, já que localizada na periferia. Será abordado o papel desempenhado pela educação no empoderamento das comunidades locais, bem como os

desafios enfrentados na busca por uma educação inclusiva e equitativa. Ao traçar conexões entre as ideias de bell hooks e as realidades vividas por estudantes do curso de licenciatura plena em Pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, esperamos oferecer pistas sobre como as teorias e práticas pedagógicas podem ser contextualizadas de maneira significativa em diferentes contextos culturais e geográficos. Tendo em vista as semelhanças encontradas nos ideais de bell hooks e de Paulo Freire e a própria declaração da autora de com ele dialogar (HOOKS, 2013), também o traremos para a conversa.

Atualmente a FEBF funciona em um prédio de uma antiga política pública do estado do Rio de Janeiro. Idealizado por Darcy Ribeiro, este projeto recebeu o nome de CIEP – Centros Integrados de Educação Pública – e é neste espaço que a comunidade febfiana desenvolve suas ações de ensino, pesquisa e extensão desde 1998. A Faculdade de Educação da Baixada Fluminense se construiu em meio a muita luta. Foi criada através do decreto estadual 8.274/62 no dia 12 de junho de 1962. Antes de estar na sua atual sede, o curso de pedagogia era realizado no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (IEGRS), um instituto de formação de normalistas. Em 1967 ocorreu a criação da faculdade de educação através do decreto estadual de n.12.875 de 28/01/1967, funcionando ainda em salas emprestadas do IEGRS. Mais tarde, em 1981 há a publicação da lei que incorpora o curso de pedagogia do IEGRS à UERJ, porém a longa demora para reconhecer a incorporação e emitir os diplomas provocou a mobilização de diferentes categorias (MELO; LIMA, 2013). Apenas em 1998 a comunidade acadêmica conquistou local próprio e em 2003 foi instituído o curso de licenciatura em matemática e em 2004 o de licenciatura em geografia. Em 2024, será iniciada a primeira turma do curso de licenciatura em história e será aberto edital para a primeira turma do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias. Tais expansões apontam para a importância de um polo de educação superior pública neste território.

A FEBF está localizada no bairro da Vila São Luís, bairro característico de um subúrbio da baixada fluminense, sendo a única faculdade pública sediada no município de Duque de Caxias. A unidade recebe alunos de outros municípios da Baixada tais como Nova Iguaçu, Magé, Guapimirim, Belford Roxo, com características similares à de Duque de Caxias, além de estudantes da capital.

bell hooks nos deixou em 2021, tendo dedicado sua carreira a promover uma educação que respeita a dignidade de todos os envolvidos e a priorizar a autorrealização enquanto desenvolvimento integral, inclusive de docentes. O impacto de seu

trabalho transcende fronteiras históricas - no ápice da segregação racial - e geográficas, tendo em vista que a autora morava, vivia e escrevia nos Estados Unidos e os discentes e docentes da FEBF moram, vivem e escrevem no Brasil, e se estende a realidades educacionais diversas. A sua visão sobre educação, baseada na empatia, no diálogo, na valorização dos saberes dos educandos e na busca por uma transformação social (HOOKS, 2013; HOOKS, 2020; HOOKS, 2021), ressoa profundamente nas necessidades e desafios enfrentados na Baixada Fluminense.

É essencial promover um espaço no qual os estudantes se sintam incentivados a participar ativamente e a contribuir para a construção e compartilhamento de seus saberes. A ideia de comunidade vai além da mera convivência: ela implica a construção de relações de respeito, confiança e apoio mútuos, onde a diversidade é valorizada como uma riqueza.

Foram elencados para fins de análise os seguintes aspectos de uma pedagogia considerada por hooks como engajada: a articulação com o cotidiano, a preocupação com uma educação integral, a valorização dos saberes dos educandos a partir do diálogo e de um engajamento crítico, o respeito à diversidade e a ênfase na transformação social. Tais elementos educativos serão discutidos inicialmente pelos três estudantes coautores do presente texto e, em um segundo momento, por uma docente que tem arriscado alguns passos na direção da pedagogia engajada ao se atentar para a própria prática docente oferecida na FEBF.

A COSMOVISÃO DISCENTE: CONEXÕES ENTRE BELL HOOKS, ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS E A FEBF/ UERJ

“a todos nós que amamos a negritude, que ousamos criar no dia a dia de nossas vidas espaços de reconciliação e perdão onde deixamos vergonhas, medos e mágoas do passado, e nos seguramos uns nos outros, bem próximos.” (HOOKS, 2019, p. 5)

bell hooks é uma das poucas autoras que nos foi ofertada até o presente momento do curso de pedagogia que leve em consideração as seguintes perspectivas: mulher, negra e periférica. Sentimos por bell hooks uma ligação, uma forma de espelho, de reflexo, olhamos para a escrita e conseguimos viver, ou melhor, ver as nossas subjetividades nas palavras contidas nos textos. Sua escrita, sua história, sua narrativa saltam do papel que as prendem e passam a ser lidas por nós com os

olhares de quem vive situações similares. Sua escrita transcende aquilo que “grandes autores” (brancos, homens e cisgênero) escrevem. bell hooks tem a capacidade de colocar suas leitoras e leitores como sujeitos ativos da literatura. bell hooks fala/escreve em seus textos e livros de um lugar que é semelhante com o de discentes da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, um lugar da periferia e de vivências periféricas, que permite que tanto jovens como pessoas acima dos quarenta anos (homens e mulheres) sonhem, descobrindo novos caminhos. Mas, acima de tudo, bell hooks se comunica com aquelas que são esquecidas nas estruturas de uma sociedade, as mulheres negras da classe trabalhadora.

Diante das ideias que aqui apresentaremos, na tentativa de entrelaçar as experiências discentes, bell hooks e a FEBF, entendemos ser de suma importância afirmarmos que nossa comunidade acadêmica é diversa e somos apenas três discentes que discorrem sobre as perspectivas teóricas de bell hooks e, por isso, neste artigo reconhecemos que não conseguiremos apresentar o pensamento de todo o corpo estudantil da unidade.

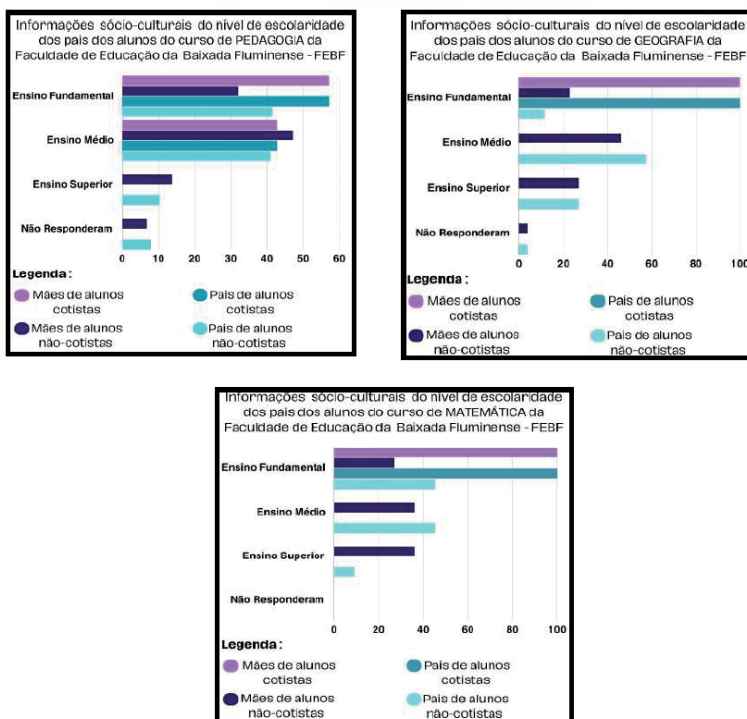
Quando pensamos na nossa ligação com bell hooks e a FEBF, a inclusão e a diversidade são questões que proclamam imediatamente nas nossas reflexões. hooks enfatiza a importância de uma educação que seja inclusiva e respeite a diversidade. A autora argumenta ser fundamental reconhecer e valorizar as diferentes identidades, experiências e perspectivas estudantis, promovendo uma educação que seja sensível às questões de gênero, raça, classe social e orientação sexual. Autoras como bell hooks nos atentam para a importância de buscar novas epistemologias, visto que urge a necessidade de uma educação decolonial. Ao também dialogar com hooks, Marinho (2022, p. 6) aponta para o risco dos espaços educacionais serem ferramentas de colonização:

por meio do ensino que nega a importância e até mesmo a existência de pensadores e pensadoras negras, mulheres filósofas ou a importância e a beleza da cultura dos povos originários, mas sempre na perspectiva da valorização da cultura do colonizador e do homem branco e heterossexual, reforçando preconceitos racistas, de gênero, de classe social e sexistas via o ato de ensinar. Daí a necessidade do ensino crítico anti-hegemônico que, ao questionar o conservadorismo de alguns educadores, afirma a existência de escritores e escritoras negras e mulheres filósofas e pessoas LGBTQI.

Faz-se necessário, portanto, que as vozes de todos os grupos sejam ouvidas nos espaços acadêmicos. A FEBF/UERJ é uma instituição de ensino superior que destaca-se por sua diversidade e inclusão. Nesse ambiente, é notável o ingresso de pessoas pretas, provenientes de territórios periféricos urbanos, assim como membros da comunidade LGBTQIAPN+. Além disso, a grande maioria dos estudantes é composta por aqueles que são os primeiros de suas famílias a acessarem o ensino universitário.

Essa característica é particularmente recente quando se trata das universidades públicas, onde o acesso a uma educação de qualidade é uma conquista significativa para esses alunos e se deu, principalmente, a partir das políticas de ação afirmativa. A presença de estudantes que são pioneiros em suas famílias a frequentar a universidade é um testemunho do poder transformador da educação e demonstra o potencial de mudança social que a UERJ representa, tendo sido a primeira universidade brasileira a instituir o sistema de cotas. Essa composição diversificada dos discentes na UERJ reflete o compromisso da instituição com a educação democrática (HOOKS, 2021) e a promoção da igualdade de oportunidades.

Fig.1, Fig.2, Fig.3- Gráficos sobre as informações de nível de escolaridade dos pais de discentes dos cursos de Graduação da FEBF/UERJ



Os dados apresentados nos gráficos acima foram obtidos do DATAUERJ 2022, os quais comprovam que um número expressivo dos estudantes dos cursos da FEBF/UERJ são os primeiros de suas respectivas famílias a ingressarem no ensino superior. Ainda nos mostram a importância da manutenção do sistema de cotas, afinal, os pais da maioria dos alunos cotistas não chegaram ao nível superior, o que ressalta a necessidade de uma política reparadora que promova a igualdade social através dos sistemas educacionais.

Acreditamos que, apesar do ingresso dessa pluralidade de corpos e sujeitos com experiências singulares, a questão da diversidade nem sempre se reflete nos conteúdos pedagógicos compartilhados em sala de aula por parte de alguns professores, tanto no que se refere aos temas quanto a autoras e autores abordados. É essencial reconhecer que a inclusão não se limita ao número de estudantes presentes, mas também se manifesta na revisão e adaptação do currículo acadêmico para incorporar as perspectivas e contribuições únicas trazidas por essa diversidade.

Um outro ponto que percebemos enquanto discentes, que Hooks nos convida a pensar, é a necessidade de uma educação com uma conexão com a vida real, assim como também preconizada nas legislações relativas à educação básica, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997). Hooks defende que a educação deve estar conectada com o vivido por estudantes, abordando questões relevantes e aplicáveis ao contexto em que vivem. Ela argumenta que deve-se incentivar estudantes a fazer conexões entre o conhecimento acadêmico e suas próprias experiências, possibilitando uma aprendizagem significativa e engajadora (HOOKS, 2020).

No livro *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire (1996, p. 16) afirma “ser importante discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.” Por que não aproveitar a experiência dos alunos de viverem em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir tal temática? Hooks, assim como Freire, constrói os conteúdos e atividades com a participação dos estudantes em uma conectividade com a vida real, partindo das suas experiências e narrativas para o desenvolvimento das aulas. Além disso, Freire (1996) mais uma vez fortalece a ideia de que sistemas educacionais, sejam eles da educação básica ou da universidade, devem conhecer a realidade de seus educandos:

A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de apreender a

substantividade do objeto aprendido. A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção (FREIRE, 1996, p. 36)

De maneira semelhante, bell hooks, imbuída dos ideais freireanos, entende que a educação não deve ser simplesmente um meio para a aquisição de conhecimento, mas uma ferramenta para incentivar estudantes a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades e na sociedade como um todo. Ela argumenta que a verdadeira educação vai além do mero acúmulo de informações, deve inspirar a reflexão crítica e o engajamento ativo em questões de justiça social, democracia e igualdade. A ativista negra norte-americana garante a possibilitar a construção de novos trajetos dentro do sistema educacional, fomentando assim o espírito de comunidade entre professores, alunos e de todos aqueles que constroem o âmbito educacional.

Segundo bell hooks (2021), a construção da comunidade requer consciência vigilante do trabalho que devemos fazer para minar toda a socialização que nos leva a nos comportar de maneiras que perpetuam a dominação.

Os espaços educacionais são fundamentais para a existência de uma comunidade, pois os transforma em espaços de construção de um trabalho articulado entre diversas organizações. Este trabalho possibilita o desenvolvimento de uma cultura cotidiana, fundada no sentido de fazer parte, de pertencimento a uma família, a uma comunidade, uma escola. Uma cultura que fortaleça laços, reações de valores fundamentais a cada sujeito. (TOMAZONI, 2013, p. 16)

Tanto hooks (2020) como Tomazoni (2013) ressaltam a importância da participação coletiva, de uma comunidade, e da prática democrática na construção da formação humana, especialmente no contexto dos espaços educativos - escolas, universidades, bibliotecas, entre outros. Elas argumentam que a escola deve promover a cidadania e atender aos interesses das classes minoritárias. A democracia é vista como o caminho para que a comunidade se aproprie dos espaços educativos, sejam eles escolares ou universitários, e para que os processos educacionais sejam percebidos como essencialmente políticos e pedagógicos.

Dentre as ações comunitárias de apropriação dos espaços nas universidades estão os eventos culturais. A FEBF tem como prática cultural a realização da confraternização da Feijoada dos Pretos Velhos, realizada pela primeira vez desde o ano de 2016 em um momento simbólico nas lutas dos discentes e docentes da UERJ, pois este ano ficou marcado como a maior crise da história da educação de nível superior do Estado do Rio de Janeiro. Tal ação acontece no mês de maio, data significativa para repensar a abolição da escravatura como um processo positivista intitulado uma princesa branca como libertadora e salvadora, indo ao encontro do promulgado por Freire e dando visibilidade à opressão vivida ainda hoje pela população negra:

A pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí. E tem que ter nos próprios oprimidos, que se saibam ou comecem criticamente a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos. (FREIRE, 1987, p. 22)

É firmado um compromisso dos estudantes e demais integrantes da comunidade febfiana, tendo como foco norteador pensar ações que reverberem e construam um pensamento antirracista e democrático para sua comunidade, visto que as instituições academicistas geralmente caminham por um horizonte ocidental deslegitimando outras formas de praticar e pensar as relações interpessoais.

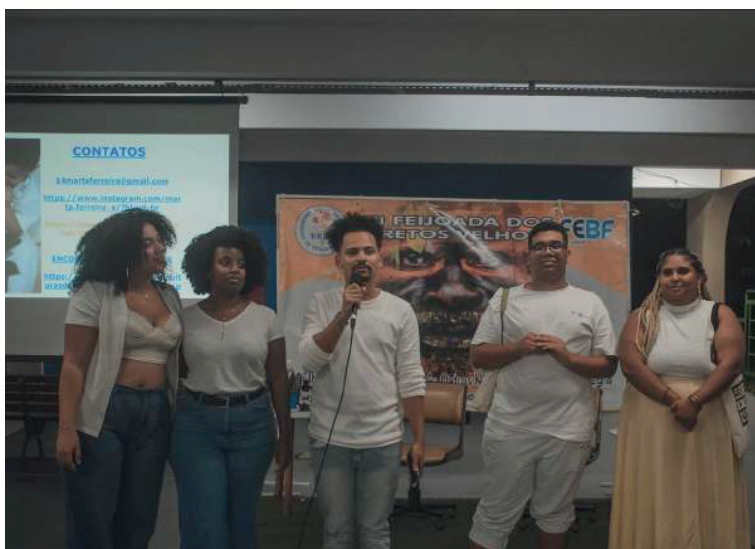
Fig. 4. Poster do Evento VII Feijoada de Pretos Velhos. Arquivo Público Online, 12 de maio de 2023.



Fig. 5. Comunidade febfiana no Dia do Evento VII Feijoada de Pretos Velhos. Destaque ao centro vestida de branco temos Marta Ferreira. Arquivo Público Online, 12 de maio de 2023.



Fig.6. Estudantes agradecendo as pessoas no Evento VII Feijoada de Pretos Velhos. Arquivo Público Online, 12 de maio de 2023.



O objetivo do evento é promover uma reflexão mais profunda sobre a história da população negra brasileira, oferecendo uma plataforma para apresentar e discutir narrativas que tragam diferentes perspectivas. A colaboração – feita de forma coletiva na qual discentes, professores e funcionários contribuem com a

organização e financiamento do evento – demonstra um compromisso conjunto em criar um espaço para essas importantes discussões.

Entendemos que eventos como este estimulam o engajamento crítico. hooks enfatiza a importância de desenvolver uma abordagem crítica em relação ao conhecimento, defendendo que estudantes devem ser encorajados a analisar e contestar ideias e estruturas de poder presentes na sociedade, incentivando assim o pensamento crítico e a consciência social. Segundo hooks (2021, p. 13), “a educação progressista torna-se ainda mais importante, já que ela pode ser o único lugar onde as pessoas podem encontrar apoio para adquirir uma consciência crítica, para assumir qualquer compromisso com o fim da dominação.”

Assim como Paulo Freire, hooks acredita na educação crítica como forma de libertar os pensamentos, possibilitando que educandos construam seu conhecimento para a liberdade se afastando da exploração do homem pelo homem e de ideias neoliberalistas. A FEBF, em acordo com bell hooks, nos mostra que a mudança é possível e tem ensaiado trazer o ensino de forma democrática, de forma crítica.

A PERSPECTIVA DOCENTE: PASSOS TÍMIDOS EM DIREÇÃO A UMA PEDAGOGIA ENGAJADA

Ao adentrarmos a FEBF Paulo Freire nos dá as boas vindas em um muro grafitado pela artista Lu Brasil, egressa dos cursos de licenciatura em pedagogia e do mestrado. Seus ideais utópicos nos inspiram a caminhar, assim como inspiraram bell hooks na busca por um caminho de resistência ao processo de colonização das mentes (HOOKS, 2013). E isto implica em se colocar como sujeito nos espaços educativos. Em algumas disciplinas opto por iniciar o semestre com a leitura coletiva de uma carta escrita por Freire (2001) aos professores que dá o tom do trabalho a ser construído a muitas mãos, já que meu fazer docente se produz ao caminhar, ao atentar-me para o que acontece na sala de aula e ao incentivar a participação de cada uma¹:

O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O

1 Tendo em vista que dedicarei este subitem às experiências formativas das licenciandas em pedagogia e que temos em sala de aula neste curso um público predominantemente feminino – geralmente em uma proporção de um homem a cada dez mulheres – faço a opção política de utilizar o gênero feminino ao me referir às integrantes das turmas.

aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas que não foram percebidas antes pelo ensinante. (FREIRE, 2001, p. 259)

Infelizmente, é comum estudantes chegarem ao ensino superior com marcas das experiências vividas nas escolas, carregando a crença de que dúvidas não são bem vindas, de que não são capazes ou não merecem estar no ensino superior e inseguranças crescem nos momentos de realização de trabalhos e avaliações. No período escolar, a escrita frequentemente é feita para o outro, para provar o que supostamente se sabe e não como dispositivo formativo indispensável para a constituição de si e do mundo. Como muito bem apontado por Freire (2001, p. 267):

Se nossas escolas, desde a mais tenra idade de seus alunos se entregassem ao trabalho de estimular neles o gosto da leitura e o da escrita, gosto que continuasse a ser estimulado durante todo o tempo de sua escolaridade, haveria possivelmente um número bastante menor de pós-graduandos falando de sua insegurança ou de sua incapacidade de escrever.

Se estudar, para nós, não fosse quase sempre um fardo, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e de prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices melhor reveladores da qualidade de nossa educação. (...)

Pensando na relação de intimidade entre pensar, ler e escrever e na necessidade que temos de viver intensamente essa relação, sugeriria a quem pretenda rigorosamente experimentá-la que, pelo menos, três vezes por semana, se entregasse à tarefa de escrever algo.

Em uma faculdade de educação importa, portanto, apostar em uma relação outra com a escrita, mais significativa, uma escrita encarnada (NICOLAIEWSKY, no prelo) na qual elas vivenciem a coragem de se expor, de expor pensamentos, sentimentos, experiências, a partir da compreensão de que a contribuição de cada uma é valiosa. Para isso, ultimamente tenho lançado mão da criação de murais virtuais coletivos nos quais elas possam partilhar textos próprios relativos a determinada reflexão provocada em sala de aula. Inspirada por hooks (2020, p. 98-99), tenho

também compartilhado com as turmas as minhas escritas, um passo crucial na construção da comunidade:

Sempre que peço aos estudantes para escreverem textos pessoais concluindo frases ou respondendo a questões, também escrevo um parágrafo. É importante em uma comunidade de aprendizagem dismantelar hierarquias desnecessárias. Enquanto o professor, individualmente, for a única pessoa a avaliar o trabalho dos estudantes e a dar notas, nosso lugar dentro da sala de aula jamais será de iguais. Isso significa que os professores não devem ser autoritários nem tratar os estudantes com superioridade. Nós, professoras e professores, devemos sempre estar dispostos a reconhecer nosso poder na sala de aula. Não deveríamos nos envolver em noções falsas de que todas as vozes têm igual peso. (...) Ao nos tornarmos vulneráveis, mostramos aos estudantes que eles podem se arriscar, que podem estar vulneráveis, que podem acreditar que seus pensamentos e suas ideias receberão a consideração e o respeito apropriados.

Vulnerabilidade e humildade são aspectos centrais da atuação docente para a autora e tenho investido, nos últimos anos, na desconstrução de uma relação negativa com o próprio erro, muitas vezes aprendida no espaço escolar. Aprendemos na escola que erros são ruins, que apontam para uma suposta inadequação, uma suposta incompetência, quando na realidade errar é parte do processo de aprendizagem e encarar o erro e refletir sobre ele é a melhor estratégia para crescermos. Costumo, por isso, fazer questão de compartilhar erros cometidos por mim no planejamento das estratégias de ensino. Também assumo quando uma pergunta feita por determinada estudante se coloca como um desafio e convido a turma a pensar junto, já que “devemos estar dispostos a reconhecer o que não sabemos” (HOOKS, 2020, p. 35). Certa vez, uma estudante compartilhou, com entusiasmo, a importância que teve para ela uma professora universitária ter assumido não saber a resposta de uma pergunta. E perguntas são possíveis de serem feitas em espaços onde há lugar para o diálogo e onde há incentivo à retomada da curiosidade, característica tão importante para a formação humana, característica que simboliza a infância. Como pontuado por hooks (2020, p. 32), “infelizmente, a paixão das crianças por pensar termina, com frequência, quando se deparam com um mundo que busca educá-las somente para a conformidade e a obediência” e assim elas deixam de ser “interrogadoras incansáveis”. O foco central em uma sala onde se propõe

uma educação como prática da liberdade, onde se propõe uma pedagogia engajada, é o incentivo ao pensamento crítico (HOOKS, 2020).

É a capacidade de pensar por si mesmas, a partir das próprias experiências, que as provocará a se colocarem no mundo de outra forma, mais atentas e responsáveis, cientes de seu papel enquanto educadoras, engajadas em prol da transformação social. Por isso, tem feito sentido a aposta com hooks (2020) da costura entre o que é/foi vivido e o que estudamos, entre as teorias e o que se vê na prática assim como o próprio Freire (2001, p. 264) afirmou, ao narrar o processo de construção de sua metodologia de alfabetização de adultos: “a teoria emergia molhada da prática vivida”.

No semestre em que ministrava uma disciplina cuja ementa contemplava as teorias do desenvolvimento, na aula em que discutíamos os conceitos centrais da teoria vygotskiana propus a leitura coletiva de alguns trechos dos relatórios de Madalena Freire (2007) quando atuou como professora na educação infantil. Tais trechos apresentam, de forma contundente, a potência da participação infantil e do diálogo na construção de seus saberes e compartilhá-los apontava a compreensão da intrínseca relação entre teoria e prática. Em uma das cenas a serem lidas, a autora traz para sala de aula uma galinha viva e reproduz no relatório o diálogo com as crianças. Em nossa sala, estudantes se revezavam na leitura e, lideradas pelo licenciando Lucas, coautor, começaram a dramatizar, dando vida ao diálogo. Naquele dia estava presente o filho de quatro anos de Renata, uma das licenciandas, a quem chamarei de Beni. Enquanto a leitura era feita, ele veio passar novamente por debaixo da minha mesa, seu “túnel”. Expliquei a Beni o que estava acontecendo na aula e ele começou a prestar atenção ao diálogo e – criança que também é – antecipava de forma espantosa as situações narradas. Foi assim que, ao lerem o comentário de uma das crianças que sabia pular de um pé só como Madalena propôs a partir do que a galinha estava fazendo, Beni começou também a pular de um pé só, se apoiando em minha mesa, e dizendo que pulava como um saci. Nos segundos seguintes, leram as falas de duas crianças: “igual ao saci...” e “Descobri um jeito! Anda segurando na mesa que a gente consegue...”. Em seguida, a autora pergunta às crianças se a galinha voa e se conseguem fazer o movimento de voar. E lá foi Beni também mover os braços. A turma toda ria e se envolvia com a leitura, maravilhada pelo que ocorria. Ali, a infância se fez presente em toda a sua potência. Além disso, a leveza decorrente deste momento de descontração e alegria tornou a aula inesquecível e nos aproximou.

bell hooks (2020, p. 125) aponta a importância do bom humor na sala de aula para criar abertura, para “criar e sustentar conexões na comunidade. Quando rimos juntos, professores e estudantes, trabalhando lado a lado, nos tornamos mais equânimes”. Ainda que tivéssemos ali uma turma diversificada, sendo metade de ingressantes na faculdade naquele semestre e metade de estudantes de períodos diversos, foi possível observar ao longo das semanas a participação em aula de estudantes de ambos os grupos.

Outro dispositivo que tem contribuído para a construção da comunidade em sala de aula é a arte, em suas diferentes dimensões. Desde o período pandêmico, tenho iniciado e finalizado cada encontro com a partilha de algum produto artístico, seja ele um poema, um curta, uma música, uma crônica, um livro infantil que dialogue com a discussão do dia. Tal prática tem trazido leveza e inteireza, como já narrado em outro momento (NICOLAIEWSKY, no prelo). Reverberações surgem fora dos muros da FEBF e, inspirado pelas experiências formativas, Lucas, coautor do presente texto e professor da rede pública, desafiado pela agitação vespertina em sua turma de terceiro ano, decide iniciar suas aulas partilhando na tela interativa da sala algo do campo das artes, tais como um trecho do filme de Charles Chaplin, que introduziu o tema do trabalho, e João e Maria, de Chico Buarque, música disparadora para que a turma se tornasse fã de Chico e cotidianamente solicitasse ouvir suas obras. Tais partilhas vêm criando um espaço mais propício à aprendizagem.

Na FEBF, a arte também tem enlaçado as estudantes ao momento presente e dado ânimo ao período noturno, já que toda a turma chega cansada do dia de trabalho e demais afazeres. Provocá-las para que estejam presentes e participem é um primeiro passo para que se impliquem em seu processo formativo (NICOLAIEWSKY, no prelo). E, como já mencionado, a escrita também se coloca como importante dispositivo para que revelem e (re)construam seus saberes. Vez ou outra, a depender da ementa da disciplina, solicito como atividade final individual a escrita de uma carta. Nesta turma supracitada, solicitei que escrevessem uma carta endereçadas a si no futuro, no período da formatura, com as aprendizagens vividas ao longo do semestre a partir das articulações com autoras lidas, para que não as esquecessem no momento de passagem para um novo ciclo, já como profissionais da educação. A escolha do gênero carta tem se mostrado interessante por possibilitar uma linguagem mais íntima e mais informal para estudantes dos períodos iniciais e tem facilitado o exercício de articulação com ideias de autoras e autores lidos, como no trecho a seguir:

(...) Acho que estou me transformando em uma pessoa amarga e acho também que estou refletindo isso em nossos alunos. Jéssica, eu sou humana. Não tenho conseguido controlar e preciso de sua ajuda.

No fundo eu sei que o maior causador disso tudo é meu atual local de trabalho, mas bem que você poderia me contar, não é? Estar em um ambiente escolar que prioriza o conteúdo passado de forma tradicional (como forma de justificativa para os responsáveis) a todo custo (...) não ajuda a resgatar o brincar que tanto gostamos e valorizamos.

Infelizmente essa situação/dilema não é enfrentada somente por nós. bell hooks também relata um dilema parecido com o nosso: "na maior parte do tempo, eu considerava a sala de aula um espaço desumanizador. Foram as experiências dolorosas que me incentivaram a lutar para ensinar de formas que fossem humanizadoras, que animasse o espírito de meus estudantes de maneira que eles se elevassem na direção de sua peculiar completude de pensar e de ser" (HOOKS, 2013, p. 7).

Espero que assim como ocorreu com bell hooks, essas experiências desumanizadoras que estamos passando em sala de aula (e principalmente fazendo as nossas crianças vivenciarem) tenham te inspirado a lutar por mudanças. (Jéssica, 2023)

Apesar do equívoco em relação à formatação da citação direta, a estudante se expõe corajosamente e se apropria das ideias da autora para pensar não apenas sobre a própria prática mas também sobre a responsabilidade da gestão escolar no sofrimento vivido por todos em sala. Vivenciar na universidade práticas pedagógicas diferenciadas também pode trazer importantes contribuições para a formação. Sirius, um estudante do quarto período, trouxe para sua carta reflexões que dialogam com o que vimos discutindo no presente artigo:

Não sei quais modelos de disciplinas você encontrou pela frente, mas meus votos são de que tenha continuado encontrando turmas que falem alto, riem e se emocionam no encontro com as histórias de cada educando. Durante a realização dessa disciplina, você se encantou sempre que as colegas contam de suas experiências enquanto educadoras em sala de aula. Te convido a manter tal generosidade: conte para quem ainda está fora da escola como foram suas experiências de estágio e magistério. A inserção em sala de aula, para quem ainda não adentrou-a com regularidade, oferece medos, expectativas e paixões. (...)

Várias professoras e professores contaram de seus educandos questionadores, criativos, generosos e desafiantes - tão plurais quanto esses colegas graduandos, que por vezes estavam animados, esperançosos, cansados ou decepcionados (às vezes sentiam tudo isso ao mesmo

tempo!). Você escutou histórias sobre parcerias, choros e decisões políticas tomadas em sala. Sua colega Renata se fez escriba de crianças que, ainda não alfabetizadas, se tornam autoras de um poema que falava de seus processos de luto. A sensibilidade dessa professora não é isolada (ufa parte 2!), porque o colega Lucas trouxe várias histórias de seus educandos. Uma delas foi sobre uma criança, que nesse momento está sob investigação de deficiência intelectual, se tornando dono de seu próprio saber e dizendo “tio, de pipa eu entendo!” ao utilizar barbante durante uma atividade coletiva de construção de bandeirinhas de festa junina. Normalmente enfatiza-se o que as crianças não sabem; em ambos os casos, eles atuaram a fim de criar espaços de ensino-aprendizagem que valorizassem seus saberes. (Sirius, 2023)

A partilha de relatos de educadoras e educadores atentos ao desenvolvimento integral das crianças abre caminhos para que as licenciandas também relembrem e partilhem situações difíceis vividas e possam ressignificá-las favorecendo a cicatrização das feridas e a caminhada no processo de autorrealização de cada uma (HOOKS, 2020). Dentre as experiências mais dolorosas compartilhadas em sala estão as de racismo, não apenas aquelas de expressão escancarada, mas também as menos perceptíveis, efeito do racismo estrutural que permeia nossas relações. Daí a relevância de, cada vez mais, expormos tais situações vividas até hoje nos espaços escolares e trazermos cotidianamente para discussão:

Seríamos todos muito mais bem-sucedidos em nossas lutas para acabar com racismo, machismo e exploração de classe se tivéssemos aprendido que a libertação é um processo contínuo. Somos bombardeados diariamente por uma mentalidade colonizadora - poucos de nós conseguimos escapar das mensagens oriundas de todas as áreas de nossa vida -, uma mentalidade que não somente molda consciências e ações, mas também fornece recompensas materiais para submissão e aquiescência que superam em muito quaisquer ganhos materiais advindos da resistência, de modo que precisamos estar constantemente engajados em novas maneiras de pensar e de ser. Precisamos estar atentos de forma crítica. (HOOKS, 2020, p. 57)

Para algumas estudantes, é no espaço universitário que começam a compreender que parte significativa do sofrimento vivido foi decorrência do racismo que estrutura nossa sociedade. Como apontado por hooks (2021), o pensamento supremacista branco é internalizado tanto por pessoas brancas como por pessoas negras e se reflete diariamente em crenças e ações.

Quase todo semestre, quando trago para aula discussões em torno de questões étnico-raciais, alguma estudante branca, já professora, vem depois comentar comigo que não se sente à vontade de trazer tais temáticas para sua sala de aula por não ser negra. A última vez que isso aconteceu foi após uma tocante roda de conversa, aberta para as demais turmas, que teve como convidada uma professora de educação infantil da rede pública que compartilhou conosco sua jornada de afirmação da própria negritude. Iniciamos a aula seguinte compartilhando as reverberações da roda e fiz questão de comentar, sem expor ninguém, que frequentemente alguma estudante, branca como eu, me confienciava o receio de discutir o tema do racismo em suas aulas por não ser seu lugar de fala. Eu confiei que minha deixa abriria os caminhos para que alguma estudante se posicionasse. E assim aconteceu. Dalila, uma jovem negra, mãe de uma menina, tomou a palavra e com veemência afirmou a importância das pessoas brancas se unirem à luta antirracista. No semestre seguinte, Dalila partilha em sala uma situação ocorrida na escola da filha na qual a própria se posicionou firmemente diante do racismo infligido por colegas da turma. Sua partilha contribui para que possamos nos atentar não só para que o silêncio de educadoras e educadores diante de graves situações cotidianas de racismo não seja a norma, mas também para que possamos construir práticas antirracistas de maneira que tais situações escolares possam deixar de existir.

As histórias compartilhadas e a presença dos materiais artísticos afloram os olhares para as singularidades e a compreensão de que não basta a construção de um respeito à diversidade nos diferentes segmentos de ensino, mas sua valorização, “sem jamais esquecer que todos têm o mesmo direito de ser e de viver. Cada um com suas próprias cores. (...) São os encontros que nos permitem viver momentos especiais, inesquecíveis, que nos fazem sentir parte do outro e do mundo” (WAPICHANA, 2018, p.42-43).

A presença de cada estudante importa e faz diferença na construção da aula. No presente semestre há uma estudante deficiente auditiva na turma. Ana Lucia faz leitura labial, o que demanda de mim um cuidado para me posicionar sempre de frente para ela e para falar mais devagar. Diminuir o ritmo da minha fala era algo que eu almejava, mas não me esforçava para alcançar até sua entrada na turma. Além disso, também foi necessário escolher com mais critério os materiais para iniciar e finalizar cada encontro, pois os vídeos com música teriam que ter legenda ou a/o intérprete posicionado de frente para a câmera. É comum em algumas aulas eu solicitar tarefas em pequenos grupos para que todas tenham a oportunidade

de discutir o conteúdo em questão, já que muitas preferem não falar durante as discussões dos textos. Desta vez, achei que não seria possível propor esse tipo de atividade, já que geralmente o elevado barulho gerado pelas múltiplas vozes é bastante incômodo, inclusive para uma ou outra estudante que não é deficiente. No entanto, vi ser necessário propor alguns momentos em pequenos grupos e resolvi experimentar solicitar, antes de iniciarem, que se atentassem para falarem em tom baixo para que o som não a incomodasse e ela pudesse participar da conversa no seu grupo. Extasiada fiquei ao ver que algo tão simples funcionava. Se Ana Lúcia não estivesse conosco eu não teria sido provocada a criar um ambiente que acolhesse suas necessidades. E toda a turma se mobilizou para atuar também neste sentido. Ademais, o conforto gerado deixou o ambiente mais agradável para que todas pudessem participar com entusiasmo.

A pedagogia engajada enfatiza a participação mútua, porque é o movimento de ideias, trocadas entre todas as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos na sala de aula. Esse processo ajuda a estabelecer a integridade do professor e, simultaneamente, incentiva os estudantes a trabalharem com integridade.

O sentido na raiz da palavra “integridade” é inteireza. Assim, a pedagogia engajada cria uma sala de aula onde estar inteiro é bem-vindo, e os estudantes podem ser honestos, até mesmo radicalmente abertos. Podem nomear os medos, expor sua resistência a pensar, expressar-se e honrar os momentos em que tudo se conecta e o aprendizado coletivo acontece. (HOOKS, 2020, p. 49)

Ter como meta no espaço universitário a inteireza propicia a responsabilização das estudantes pela sua própria formação assim como o exercício de cuidado e atenção necessários para um trabalho docente nas escolas que enfatize o desenvolvimento integral das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia deste artigo surgiu em um corredor da FEBF, após a conversa com alguns discentes sobre a ausência na universidade de discussões pautadas em investigações e construções teóricas produzidas por autoras negras. Acreditamos ser significativo para esta unidade acadêmica realizar um debate como este afinal, como diria Emicida na canção Principia, “tudo que nós tem é nois”. A FEBF é um

espaço que tanto nos orgulha e que, dentro das suas possibilidades, promove uma educação libertária (FREIRE, 1987), favorece uma educação crítica e uma pedagogia engajada (HOOKS, 2020).

Ao nos debruçarmos sobre o pensamento da autora com foco nas pautas progressistas, ficou evidente a potência de sua voz para falar sobre a própria vivência a fim de expor o contexto de dominação que envolve a ela e os seus (nós da comunidade febfiana). Dessa forma, constatamos que o legado deixado por bell hooks para uma educação antirracista, feminista e crítica foi e sempre será relevante para a história social da humanidade, possibilitando um debate dentro dos campi universitários que destoe das vertentes eurocentradas da pedagogia que ainda se faz presentes nos currículos.

É através das obras de hooks que entendemos que criar uma comunidade de aprendizado que propõe espaços amorosos é criar não só apenas uma educação engajada, mas uma comunidade na qual se façam representar as subjetividades de corpos historicamente objetificados e marginalizados, evidenciando a importância de questionar diretrizes teóricas de caráter obsoleto e hegemônico. Ainda que em um território distante de onde a autora escrevia, sua escrita nos deu pistas para pensar as práticas educativas e se mostrou cada vez mais articulada com as vivências e experiências dos discentes e docentes da FEBF.

Sendo assim, entendemos a conexão da comunidade febfiana com hooks de alguma forma, seja pela nas práticas antirracistas na FEBF, na defesa por uma educação pública de qualidade, na presença de mulheres, pessoas pretas, LGBTQIAPN+, indígenas na academia. Reconhece-se, assim, o efetivo papel da educação, o de transformação social, pois como Freire (1979, p. 84) pontuou em uma de suas frases mais conhecidas: "Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo". Nossa comunidade tem ensaiado caminhos para a autorrealização preconizada por hooks, como Sirius destaca nas linhas finais de sua carta:

A Pedagogia da UERJ tem se desenhado lugar de inventividade, de leituras e articulação de ideias, de trocas interpessoais entre educadores e, por que não, de deleite estético. Espero que o trauma, o cansaço e o medo não paralitem sua escrita. Se permita mais e aceite o abraço que é escrever de maneira livre sobre o que de fato te interessa! (Sirius, 2023)

Torcemos para que mais e mais cursos de licenciatura caminhem ao lado de bell hooks e tantas outras intelectuais negras de forma que estudantes das periferias se sintam representadas e possam se lançar na escrita acadêmica, trazendo suas experiências e saberes como almejado no presente artigo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2023.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos avançados**, 15 (42), 2001, p. 259-268.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**.; Ttradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. Educação democrática. In: CASSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie - por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. organização. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 243-254.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013.

MELO, Icléa Lages; LIMA, Hugo Moreira. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ) – Uma história. Várias lutas. **Revista Pilares da História/D.** Caxias e B. Fluminense. Ano 12, nº 13, maio de 2013.

MARINHO, Cristiane Maria. **bell hooks: pedagogia engajada, pensamento crítico e prática da liberdade.** Kalagatos, Fortaleza, Vol.19, N.1, 2022, eK22002, p. 01-21.

NICOLAIEWSKY, Clarissa. Ler, escrever e conversar: a partilha do sensível na formação docente. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, no prelo.

TOMAZONI. Jucemara Luciana Gandini. **A importância da participação da comunidade na elaboração do projeto político pedagógico para um ensino de qualidade.** Orientador: Lúcia Bernadete Fleig Koff. 2013. 43 p. Monografia (Pós Graduação a Distância Especialização Lato-Sensu em Gestão Educacional) - Universidade Federal de Santa Maria, Três Passos, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/829/Tomazoni_Jucemara_Luciana_Gandini.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 5 nov. 2023.

WAPICHANA, Cristino. **O cão e o curumim.** Ilustrações Taisa Borges. São Paulo: Melhoramentos, 2018.